

“DORA” CONTEMPORÂNEA — E A CRISE TERAPÊUTICA DA PSICANÁLISE

*Luiz Augusto M. Celes**

RESUMO

O artigo revisita o Caso Dora, de Freud, com o objetivo de pontuar sua contemporaneidade. Sustenta-se o argumento de que os impasses da psicanálise, revelados pela conclusão precipitada da análise dessa jovem da Viena de 1900, são tão questionadores e críticos à função terapêutica da psicanálise como o são os chamados casos difíceis da contemporaneidade. Discutem-se as mudanças ocorridas do método de tratamento anunciadas no caso Dora e sua falência diante desse caso de histeria. Mostra-se o privilégio concedido por Freud ao conhecimento do psiquismo, como meio de solução das dificuldades da psicanálise. Concluindo, sugere-se que foi o caráter pulsional da sexualidade o motivo dos empecilhos da análise de Dora, tendo os aspectos da interpretação da sexualidade e das relações de objeto tido menor peso para seu desfecho. Estende-se essa compreensão para as demandas contemporâneas de psicanálise.

Palavras-chave: Caso Dora, Freud, psicanálise contemporânea, método de tratamento

ABSTRACT

CONTEMPORARY “DORA” — AND THE THERAPEUTIC CRISIS OF PSYCHOANALYSIS

This paper revisits Freud's Case of Dora to point out its contemporariness. It sustains that psychoanalysis' deadlocks, as revealed by the sudden conclusion of the analysis of this young Viennese in 1900, are as questioning and critical to the therapeutic function of psychoanalysis as the so called difficult contemporary cases. The changes in the treatment method announced in the Case of Dora, as well as its failure in this case of hysteria, are discussed. The privilege given by Freud to knowledge of the psychic as the means of solving psychoanalysis' deadlocks is shown.

* Psicanalista; Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília; Doutor em Psicologia Clínica; Especialidade em Psicologia Clínica (Conselho Federal de Psicologia).

The paper concludes that the major obstacle in Dora's analysis was the instinctual character of sexuality, rather than the interpretation of sexuality and of object-relations. This comprehension is extended to the contemporary demands for psychoanalysis.

Keywords: The Case of Dora, Freud, contemporary psychoanalysis, treatment method

Numa passagem com respeito ao caso Dora (Freud, [1905] 1972), Lewin (1973) comenta a inviabilidade da solução sugerida por Freud, que previa o casamento de Dora com o Sr. K. como meio de realização de seu desejo inconsciente, dada a improbabilidade do divórcio, na Viena daquela época, entre este cavaleiro e a Sra. K. Anteriormente, (Celes, 1995), utilizei tal passagem como testemunho suplementar do desejo de Freud com respeito ao desfecho que esperava da histeria e, especificamente, do tratamento de Dora. A lembrança de tal passagem retorna-me quando volto a me debruçar sobre o caso Dora para desenvolver uma outra antiga idéia, a saber, a de que esse caso pode ser aproximado dos casos contemporâneos de psicanálise. Ou seja, reconsiderar “Dora”¹ em face do tratamento do que se convencionou chamar de novas demandas de psicanálise, que seriam características da contemporaneidade, com o intuito de a elas aproximar o caso de Freud.

Parece um disparate sustentar o argumento da contemporaneidade de “Dora”, pois ele está fortemente determinado pela época de “Dora”. Entretanto, não vamos pesquisar o que é contemporâneo ao caso Dora, mas sim objetivamos encontrar em “Dora” semelhanças estruturais com o que chamamos de casos contemporâneos de tratamento psicanalítico e, não menos importante, mostrar que esse caso trouxe certa crítica à psicanálise, conforme parâmetros ou critérios que se aproximam dos propostos pelos casos hoje comuns na clínica psicanalítica. O caso Dora foi tão controverso e trouxe tantas questões ao tratamento, ensejando mudanças significativas na psicanálise, quanto se julga ser o caso nos tratamentos dos casos contemporâneos chamados difíceis. Não se tratará aqui de tentar uma aproximação dos quadros clínicos, mas de comparar a questão que tais casos suscitam para o objetivo terapêutico da psicanálise.

Sabe-se que a clínica psicanalítica atual justifica suas mudanças, por vezes profundas, na novidade das demandas imprecisamente chamadas contemporâneas, que não se assemelhavam às demandas neuróticas, predominantemente histéricas, que Freud teria enfrentado em sua clínica. As novas demandas, creditadas a características gerais e específicas de nossa própria época, revelariam estruturas particulares que a clínica freudiana com seu método característico não alcançaria tratar. Com isso, “novos desenvolvimentos em psicanálise”² se fizeram necessários

– talvez até mesmo para a sobrevivência da psicanálise –, apresentando-se a psicanálise hoje modificada em relação àquela que teria sido clássica. A freudiana, não raro denominada psicanálise padrão, aplicar-se-ia à neurose, às subjetividades relativamente bem estruturadas, em contraste com os casos contemporâneos, aos quais se atribui uma desestruturação profunda, uma espécie de fracasso de constituição (do psiquismo, do *self* ou de seus limites), mas também sem que sejam psicóticos, nem *bordelines*, nem perversos; são aparentemente normais, caracterizados como simbolicamente empobrecidos e tidos como psiquicamente pobres³.

Ao longo da história dessas modificações (seu início data, pelo menos, dos anos 40 do século passado)⁴, não se pretendeu somente estender a psicanálise para o atendimento do que Freud havia dela principalmente excluído, as psicoses, como se sabe. Mas tratou-se também do enfrentamento de novas estruturas subjetivas ou, seria mais preciso dizer, de novos quadros ou organizações psicopatológicas. Os casos limites, os *bordelines*, os chamados casos difíceis, ou mesmo o predomínio característico da depressão, dos distúrbios ou transtornos da personalidade, dos sofrimentos narcisistas, todas essas formas de demandas habitam a psicanálise contemporânea, estão presentes nos textos atuais dos psicanalistas, nos textos clínicos, nos teóricos, em suas interpretações da cultura e nos seus “diagnósticos” a respeito do homem contemporâneo. Aí os psiquismos são entendidos como estruturados segundo modos preferenciais de defesas contra intrusões e invasões cada vez mais generalizadas e anônimas⁵. Avaliam-se as conseqüentes mudanças das constituições subjetivas, que vão além da compreensão de estruturas malformadas. São concebidas também como subjetividades deficientes, carentes. Isso dirige os tratamentos analíticos no sentido da formação ou construção de estruturas psíquicas, por mínimas que sejam, de suas delimitações, de sua riqueza, em direção à criatividade, ao bom e adequado “uso do objeto”, como já ensinara Winnicott ([1989] 1994). Tomada a psicanálise nessa perspectiva, pode-se apreender certa inversão da meta da análise com respeito à meta freudiana: se para Freud a psicanálise teria um efeito pós-educativo, para as novas psicanálises seu efeito seria educativo e formador⁶.

Mas não somente a psicanálise expandiu-se no entendimento de novas estruturas e acolheu suas demandas. Os casos difíceis, os *borderlines*, etc, foram eles próprios apreendidos e nomeados pela experiência analítica. Portanto, e em certo sentido, foram constituídos pela sua clínica ou tratamento psicanalítico.

Por muito tempo, acostumamo-nos a saudar o valor revolucionário da psicanálise, que teve início em Freud ([1917] 1976), com a pregação do terceiro golpe desferido pela psicanálise no narcisismo do ideal moderno. A subversão que a psicanálise introduziu na concepção do humano, na prática de seu cuidado e

tratamento, na crítica às filosofias da consciência e ao domínio racional, esperado pelo ideal da modernidade, é seqüência dessa compreensão. Em outras palavras, a psicanálise teria, ela mesma, contribuído para a instauração da crítica, bem como da ruptura da modernidade e seu ideal, que conduziu à crise na compreensão do sujeito, das relações entre sujeito e cultura, e até mesmo de toda atividade humana⁷. Tais transformações caracterizaram o que hoje nos é contemporâneo – esse modo de vida que seria demasiadamente crítico para a existência integrada, acentuando sobremaneira o mal-estar constitutivo, o que teria dado ensejo a formas muito inconsistentes de subjetivações, freqüentemente comprometendo-as em cisões como modos característicos de defesas (Fairbairn, [1952] 1999), ou em narcisismos vazios, de morte, como o sugere Green (1988). Nesse sentido e pelo menos parcialmente, a psicanálise teria contribuído para a constituição da própria demanda que a conduziu a se modificar, ensejando novos desenvolvimentos⁸.

Embora seja fato correntemente sabido que a psicanálise e a história da cultura ocidental, particularmente urbana, tenham andado de mãos dadas, e embora também se saiba que *borderline*, para resumir num termo as novas demandas e constituições psíquicas, seja apreensão da psicanálise e, em certo sentido, produto de seu trabalho, de seu tratamento, é necessário nuançar a afirmação do parágrafo anterior, sob pena de sermos levados a pensar em um desenvolvimento unitário e linear (da cultura e da psicanálise), o que não condiz com a realidade. Não somente a nossa cultura (pós-moderna, ultramoderna) se caracteriza pela diversidade – não obstante certas ideologias predominantes, certas modas, talvez fosse melhor dizer –, mas convém ressaltar que essas modas ou ideologias primam pela “padronização na variedade”. A elucidação das características da cultura contemporânea como tal não é assunto deste trabalho, pelo que não será aqui explorada.

A atenção voltada então à psicanálise conduz à percepção de sua multiplicidade – contrariando talvez as expectativas quanto às certezas dos “novos desenvolvimentos”. A psicanálise, encontramos-la zelando por procedimentos e os renovando, repetindo e criando conceitos, concepções e compreensões, que não se sobrepõem de maneira absoluta, não se substituem cabalmente e nem formam sínteses completas ou suficientemente estáveis. A diversidade se revela sob o olhar minimamente crítico. O velho e o novo fazem-se presentes, embora nem sempre convivam, nem, na maioria das vezes, acolham-se uns aos outros. As novidades e as novas interpretações no movimento psicanalítico também ganham perspectivas distintas e variáveis segundo se tome um ou outro parâmetro para apreendê-las. É o caso do que se dá com a sexualidade. Ora rejeitada como fundamento do psiquismo (como, por exemplo, nas obras de W. R. D. Fairbairn, D. W. Winnicott e, menos claramente, em M. Klein, e na grande maioria dos psicanalistas inclui-

dos no que se convencionou chamar de Teoria das Relações de Objeto), ora aceita, relida ou reinterpretada em termos mais ou menos distintos dos freudianos (compare-se, por exemplo, Laplanche (1988) com Green, ([1997] 2000). É o caso também dos privilégios dados aos aspectos do tratamento psicanalítico. Ora se confia na fala e na rememoração, na associação livre (os freudianos otimistas quanto à linguagem, como os compreendeu Kristeva, 1996), ora confia-se no *setting*, no enquadre, no seu cuidado, na sua disposição e arranjo; ora ainda se atenta à interpretação histórica, ora à elucidação da relação analítica atual, etc. Acrescente-se ainda o caso da variedade de concepções do que se trata em psicanálise. Trata-se de curar (Katz, 1992), ou trata-se do estilo, do sujeito como tal (Birmann, 1995)? As psicopatologias, busca-se curá-las, ou dedica-se ao sentido, à compreensão: as psicopatologias ou o humano? No limite, pergunta-se à psicanálise: método terapêutico ou *Weltanschauung*?

As variedades de posições quanto aos três grandes sítios característicos da psicanálise que apontamos, quais sejam, a sexualidade, o tratamento, e aquilo de que se trata, se entrecruzam, desfazendo as intenções de arranjos por oposições. Essa variedade alerta-nos para a dificuldade de circunscrever todos os detalhes, todos os braços que se estendem a partir de cada tendência da psicanálise contemporânea. No entanto, algumas delimitações se fazem, têm mesmo história no movimento psicanalítico. Também tais delimitações se afirmam sobre alguma oposição dentre as variações em cada sítio da psicanálise, ou associando-se a outro dos sítios. Por exemplo, é clássica a oposição entre relações de objeto e sexualidade, associando-se um dos termos a específicos métodos de tratamento (*holding*, regressão ou, diferente deste, interpretação da transferência, atenção privilegiada à contratransferência, etc), em contraste com outro (fala, associação livre, linguagem, interpretação do desejo, etc).

Revisitar "Dora" para encontrar nela um caso contemporâneo significa tomá-la em algum aspecto parcial do que se entende por caso contemporâneo. Significará aproximar "Dora" de uma vertente, de uma ênfase privilegiada da psicanálise atual. Também significará enquadrar "Dora" segundo características das chamadas demandas contemporâneas da psicanálise, algum quadro clínico, estrutura psicopatológica, ou mesmo sintomatologia, embora a tarefa desse enquadramento não seja aqui tomada em detalhes, na medida em que assumimos a compreensão de que a psicanálise afastou-se, já em Freud e talvez a partir de "Dora", das preocupações predominantemente psicopatológicas para a definição e compreensão de seu trabalho de tratamento. O comentário de Lewin (1973), que inscreve "Dora" precisamente em seu tempo, na Viena de 1900, serve-nos de alerta para a dificuldade de realização do propósito deste texto. É que não é difícil exatamente encon-

trarmos referências a “Dora” como representante de uma época histórica, social e cultural com a qual nossa contemporaneidade não se identifica. “Dora” é interpretada como o caso que já não mais se encontra, a velha histeria que não seria mais objeto da psicanálise, pelo menos não seu problema maior, não o mais comum, não o que se choca com a psicanálise ou lhe faz questão. Enfim, “Dora” seria um caso de neurose ao qual os procedimentos clássicos da psicanálise seriam adequados. Procedimentos estes que foram abandonados justamente em nome do tratamento de outros casos mais difíceis. A tarefa será a de mostrar que “Dora” não se distingue como tradicionalmente é interpretada.

A dificuldade desse caso não se deveu somente à pessoa de seu analista, Freud. Ele, que teria tido sérios problemas contratransferenciais no tratamento de Dora, foi conduzido por seus preconceitos (Lacan, [1966] 1998); pela recusa de sua feminilidade (Forrester, 1990); determinado pelo falicismo de seu tempo (Bernheimer & Kahane, 1985). Tais posições contratransferenciais mal elaboradas o teriam impossibilitado de agir e interpretar adequadamente e o levado a sonhar com o destino de Dora, com seu desfecho, numa desejada união com o homem que amava, o Sr. K. A dificuldade desse tratamento também não pode ser creditada somente e nem principalmente às resistências da analisanda, por motivos que retomaremos mais à frente. A dificuldade de “Dora” é mais ampla, mais teórica (e prática), e significativa para a psicanálise – prelúdio, talvez, dos limites que a psicanálise contemporânea esforça-se em superar, re-inventando métodos e significações psicopatológicas, re-estruturando gêneses psíquicas e processos de acolhimentos e trabalhos terapêuticos. “Dora” em seu tempo já conduzira Freud à invenção (a questão que a transferência lhe traz, quando se vê obrigado a entendê-la como fator técnico fundamental), à re-estruturação de sua compreensão do psiquismo e dos fundamentos sobre os quais o assentava até então. “Dora” talvez possa ser nomeada o modelo do caso difícil, o modelo dos limites da psicanálise e, talvez ainda, dos casos limites. Para isso, não será necessário mudar o diagnóstico de “Dora” (não seria mais histeria, mas um caso limítrofe), nem colocar em xeque a apreensão freudiana, mas mostrar que sua apreensão sofre dos constrangimentos e dos limites característicos da psicanálise, a mesma ordem de impasses e constrangimentos que conduzem a chamada psicanálise contemporânea ao abandono das premissas (da sexualidade, do método e da estrutura psíquica) da psicanálise clássica (ou padrão) que somente teria sua utilidade reconhecida para a abordagem das neuroses⁹.

Como se observou acima, não seria suficiente para instigar a compreensão de “Dora” contemporânea salientar em seu quadro psicopatológico o que estaria próximo ou poderia ser identificado com os quadros das demandas contemporâ-

neas da psicanálise. Trata-se de tempos diversos, de compreensões distintas, o que tornaria essa tarefa irrealizável. Mesmo assim, algumas das características de “Dora” na clínica freudiana mostram, senão a atualidade de Dora (i.e., Ida Bauer), que é o menos interessante para esta discussão, a contemporaneidade do caso como tratamento de psicanálise, no que carrega de desconcertante para seu bom encaminhamento, para sua potencialidade terapêutica. E não de modo inespecífico ou geral. “Dora” impõe crítica e questão à psicanálise “já desenvolvida”, porém em movimento. “Dora” faz-se limite da psicanálise que não está imóvel, colocando questões, essas sim, próximas às que caracterizam desenvolvimentos da psicanálise contemporânea. Entretanto, a questão de “Dora” abarca a teoria, o processo e a técnica (ou método) de tratamento, impondo ou anunciando mudanças imediatas e postergadas. O diferencial entre os movimentos iniciados em “Dora” e os atuais situa-se na base ou no fundamento que sustenta as mesmas respostas e, acrescente-se, sua possível relação com a cultura de cada tempo.

O caso Dora representa na obra de Freud a retomada das publicações de casos de psicanálises e das considerações sobre as neuroses, ambos aspectos deixados em suspenso desde a derradeira crise terapêutica da psicanálise de 1897. Foi quando Freud, em carta a seu amigo Fliess (citado por Masson, 1985), anunciara sua descrença da neurótica (i.e., da teoria traumática a respeito da neurose) e, simultaneamente, do tratamento que empreendia e da compreensão do processo de cura da neurose. Com a crise da psicanálise até então praticada com base na teoria do trauma sexual, a técnica, a teoria e o fundamento sexual estavam em questão. Segundo essa perspectiva, o caso Dora se configura como a chance de retomada da índole terapêutica da psicanálise – em outro sentido já perdida em seu aspecto definitivo – sob novos termos.

Entre 1897 e “Dora” acontecera a “Interpretação dos sonhos” (Freud, [1900] 1976). O caso Dora situa-se como momento oportuno de retomar as discussões sobre a neurose (sua teoria), sobre o tratamento psicanalítico e sobre o fundamento sexual dos distúrbios neuróticos, guiados pela luz que a “Interpretação dos sonhos” lançou sobre o inconsciente. Os aspectos que o caso Dora coloca em jogo estão justamente introduzidos no prefácio do caso como os temas centrais e críticos do tratamento. A técnica, afirma Freud, “sofreu uma revolução radical” (Freud, [1905] 1972: 10): agora, ao invés de se focalizar e submeter à análise os sintomas, um a um, parte-se da superfície da consciência do analisando, isto é, aplica-se a associação livre no sentido mais pleno, o que, com Green (1988), pode ser interpretado como atenção ao “discurso associativo” em oposição ao “discurso narrativo-recitativo” (Green, 1988: 72). “Atenção ao discurso” significa mais que uma exigência dirigida ao analisando de que se livre de suas censuras e fale associativa-

mente. Este último aspecto está presente e se mostra atuante na interpretação dos dois sonhos de Dora, sobre os quais gira grande parte do tratamento. No entanto, é possível compreender e entender que, seguindo a narrativa freudiana do caso, a mudança do método efetivamente ocorrida está além da advertida por Freud. Trata-se de uma mudança, assim significam os seus indícios, ocorrida no ouvinte, no analista. A atenção de Freud ao discurso de Dora testemunha a virada do privilégio da fala do analisando para o privilégio do ouvir do analista como responsável pelo caráter associativo do discurso. É assim que Freud, diante da insistência dos pensamentos de Dora a respeito das relações de seu Pai com a Sra. K., apesar de toda a interpretação já acontecida, não duvida de sua paciente, não interpreta qualquer resistência, mas lhe dá fé, buscando as raízes inconscientes de tais pensamentos. A categórica afirmação “Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir pode convencer-se de que os mortais não podem guardar nenhum segredo” (Freud, [1905] 1972: 75) coloca inteiramente à frente do leitor do caso o privilégio do ouvir em detrimento da associação como tarefa exclusiva do analisando, não se esperando dele um discurso permanentemente deslizante e sempre associado e freqüente (como sói ser compreendida a associação livre em algumas de suas críticas, tais como as feitas por Ogden, 1996). A recomendação de Freud é de que Dora fale o que lhe estiver mais vivamente presente, significando “fale o que você quiser”. Freud afirma: “deixo o próprio paciente escolher o assunto do trabalho do dia, e desta forma parto de qualquer aspecto que seu inconsciente esteja apresentando à sua percepção no momento” (Freud, [1905] 1972: 10). Afirmações como essas são tão corriqueiras que, com facilidade, se perde a dimensão da inclusão que assim se dá do ouvir do analista na regra técnica fundamental da associação livre. Permanece, nessa mudança técnica, o fundamento associativo, sendo, porém, dado ao ouvir do analista a sua responsabilidade, e não mais, ou não exclusivamente, às resistências do analisando em falar o que deveria ser dito. Nessa nova política, Freud ouve até mesmo os gestos de Dora, sua brincadeira com a bolsa, por exemplo. É verdade que o privilégio do ouvir requer uma atenção especial de Freud, talvez ao mesmo tempo flutuante e atenta – por vezes Freud se alerta de sua desatenção, como na passagem em que se recrimina, pois seus “poderes de interpretação estavam pouco aguçados [num certo] dia” (Freud, [1905] 1972: 57). Para ajudar em seu modo especial de ouvir, Freud apela para outros casos, completa sua interpretação com base na teoria, e até “imagina uma hipótese” (Freud, [1905] 1972: 100) de interpretação. Parece que o ouvir de Freud no caso, nesta espécie de “flutuação atenta” – talvez justifique inverter os termos, com a pura finalidade de dar evidência –, o ouvir de Freud, repito, está parcialmente guiado pela “Interpretação dos sonhos”, guiado para o desejo que a inter-

pretação dos sonhos de Dora revelaria, e, a partir de seus (de Freud) "pré-conceitos", guiado para o desejo heterossexual de Dora. Nesse último aspecto se encontra e concentra a contribuição contratransferencial de Freud para o desfecho da análise, não para o desfecho por ele pretendido, mas para o que efetivamente se consolidou como o fim dessa análise.

Acontece que a mudança no ouvir implicou Freud de maneira mais pessoal, criando-se uma tensão entre seu ideal, expresso de muitas formas, de uma distância neutra e fria e a efetiva presença de sua pessoa, com o peso de sua experiência, de sua teoria e, não menos importante, de seu inconsciente. "Dora" inaugura, senão a escuta da transferência, ao menos a questão dessa escuta. Certamente não coube ao acaso fazer da transferência e da homossexualidade as principais questões do caso Dora, parecendo constituírem-se reflexos quase diretos da implicação freudiana – uma espécie de presença simultaneamente, ou, talvez se possa dizer, dialeticamente pessoal e impessoal. Cuidado e abstinência são os termos adequados para nomear as condições desse privilegiado ouvir.

Tal situação requer muito mais do analista, intima a sua presença, a partir de algum traço da sua apresentação. As questões transferenciais-contratransferenciais ganham proeminência, os destinos dos casos tornam-se incertos, os tratamentos se alongam (talvez uma psicanálise não conheça mais o seu fim), os casos tornam-se difíceis na condição da transferência, de seu modo inesperado de manifestação, ou de sua impossibilidade de realização, e em seu acontecer que não pode mais se aprisionar numa definição, devido justamente à implicação do analista. "Dora", "Homem dos Lobos" (Freud, [1918] 1976), "Jovem Homossexual" (Freud, [1920a] 1976), e até mesmo as queixas de Ferenczi quanto à sua análise com Freud testemunham, e desta vez com respeito à transmissão da psicanálise (André, 1993), a implicação aqui caracterizada e a conseqüente complicação acrescida à condução e à conclusão da análise. Ouvir a transferência constitui-se, a partir de então, o instrumento maior da análise (como posteriormente dirá Paula Heimann, 1950, que fez escola, a respeito da contratransferência), mas também seu maior obstáculo (o que não disse Heimann nessa obra sobre a contratransferência). Além de obstáculo que possa ser removido, a transferência, condição da análise, é seu impedimento. Também se pode formular que a transferência objeto da análise é seu problema, o insolúvel, o que não se desfaz completamente, sob pena de tornar estéril a presença do analista e de sua escuta.

No método freudiano de análise anunciado como modificado já na introdução do caso Dora, a regra fundamental a partir de então constituída como associação livre ocupa lugar central. O caso narrado por Freud mostra que Dora não se recusa à associação livre. Mostra também que as resistências à associação livre se

fazem insignificantes diante da escuta freudiana e de sua conseqüente interpretação. A “revelação” do inconsciente de Dora vai longe, muito mais longe do que se pode esperar de uma análise de três meses. Pode-se sugerir que Freud e Dora se afinaram, harmonizaram-se bem na tarefa de simbolizar o inconsciente, de revelar as cenas de fantasias recalçadas, de dar a conhecer o caráter sexual das fantasias que se mostram como os sentidos dos sintomas de Dora. Essa “petite hystérie” (Freud, [1905] 1972: 21), no entanto e a despeito de toda harmonia, deu trabalho! Impediu a análise de se concluir, frustrou o analista quando se afirmou sua esperança de um bom fim de análise. Essa pequena histórica dirige-se ao analista dizendo que ele nada descobre de significativo, que ele nada vê. Dora fez de Freud seu objeto de investimento, o que ele interpretou de modo desajeitado e compreendeu, posteriormente, de maneira parcial. Freud não se deu com sua implicação no desejo de Dora e nem conseqüentemente tomou-a como objeto da análise, senão na forma da questão que esse caso constitui (o que já foi muito, diga-se de passagem, para a psicanálise e seu futuro).

Exceto no trabalho de simbolizar, significar ou revelar complexos inconscientes, a associação livre encontra seu limite na tarefa de tratamento de cura (*Genesung*). A associação livre fica sobrepujada pela “resistência” que parece vir de outro inesperado lugar, qual seja, das relações de objeto de Dora: a mãe, com psicose de dona de casa – seria como o “objeto não respondente” de Fairbairn ([1952] 1999), ou como a “mãe morta” de Green (1988). Nas palavras de Freud, [ela] “Não compreendia os interesses mais ativos dos filhos e ocupava-se o dia todo em varrer a casa e limpar os móveis e utensílios – a tal ponto que se tornava quase impossível usá-los e desfrutá-los” (Freud, [1905] 1972: 18). Também as relações com a Sra. K., que confiava seus segredos a Dora, tornando-se, assim, sua sedutora (como o “objeto excitante” de Fairbairn, [1952] 1999); com a governanta, que substitui Dora por outro; com o Sr. K., que não tem nada das mulheres (como “objeto rejeitante”, Fairbairn [1952] 1999), e... com Freud, que seduz Dora como meio de provocar seu interesse pela análise (mas que, assim fazendo, não teria atentado para a função superegógica que seria própria ao analista no trato das relações de objeto, segundo Fairbairn, [1952] 1999). A simbolização associativa em seu aspecto terapêutico também foi sobrepujada pelos objetos parciais: o corpo alvo da Sra. K.; a anatomia feminina das enciclopédias (Freud, [1905] 1972), o próprio dedo que chucha; o lóbulo da orelha do irmão (uma aparente coleção de objetos bons e excitantes); mas também o órgão genital masculino, que, segundo a interpretação de Freud, excitou-a no abraço do Sr. K. e constituiu-se objeto de sua fantasia, a de felação (como um outro objeto excitante, conforme nomenclatura de Fairbairn, [1952] 1999), etc. Tais relações de objetos, parciais ou totais,

aparentemente fizeram resistência à conclusão da análise, mesmo que tenham sido alvos das interpretações freudianas; mesmo Freud tendo se esmerado em elucidar as características e singularidades das relações de Dora com esses objetos. Nessas interpretações, Freud não se omite de explicar, de apelar para o ego de Dora, de contar estórias de paixões e de desenvolvimentos sexuais: esperados, frustrados, desviados. “Dora” não parece se afastar dos chamados casos contemporâneos, difíceis, caracterizados pelas insuficientes relações de objeto, para quais casos o método deve ser modificado. A esse respeito, até mesmo o “diagnóstico” freudiano de Dora parece não escapar à similaridade com os impasses contemporâneos que conduziram à crítica da chamada psicanálise clássica ou padrão, do seu método de tratamento e do seu alcance.

A “pequena histeria” é como Freud classifica Dora. Nem grande histeria, ao modo dos grandes quadros históricos tão em voga na época, explorados por Charcot em suas exibições teatrais; nem Anna O., com suas alucinações e paralisias. Uma pequena histeria: algumas conversões (ou somatizações?) leves – uma tosse nervosa, uma pressão no peito – e um pensamento de caráter obsessivo de queixas contra seu pai. Um “*taedium vitae*”, uma depressão branda, um descaso pela vida, um sem sentido da vida que não se justifica muito bem. Freud não o leva a sério, talvez pela riqueza das associações e presença de sonhos tão vívidos – e apropriados, diga-se, ao esforço interpretativo da análise tal como Freud a compreende então. Não sendo Dora uma histérica clássica, Freud teria se enganado quanto ao tratamento. E, por mais que tenham sido animadas as sessões, o tratamento é interrompido por Dora, à revelia de Freud, e para sua surpresa e desgosto. Em resumo, eis a crise de um tratamento clássico em seu nascedouro.

Aparentemente, “Dora” somente se afasta dos chamados casos contemporâneos na expectativa de Freud solucioná-lo com a explicitação das cenas de sedução (cena do beijo, cena do lago), que teriam, junto com as fantasias da masturbação infantil, interferido na solução edipiana de Dora, regredindo a sua libido às fixações orais. No entanto e talvez mais fundamentalmente distinta dos casos contemporâneos seja a confiança que Freud depositava no papel ou função da teoria para a solução das demandas de análise.

Como vimos, o caso Dora não se furtou às interpretações e nem mesmo à compreensão das relações de objeto. Diferentemente das críticas que se fazem à análise clássica, não parece ter sido a ausência de atenção às relações de objeto o impedimento da análise, o motivo do rompimento desse tratamento e, talvez mais estruturalmente do que isso, o responsável pela falência (relativa?) da intenção terapêutica da psicanálise. É curioso observar que a transferência que faz Freud rever posteriormente o caso – o fenômeno que teria impedido a análise – é a

mesma que Freud retoma muito posteriormente, em 1920, como o fenômeno da análise que sustenta a sua argumentação de uma tendência que estaria além do princípio do prazer. É na repetição em transferência que Freud ([1920b] 1976) encontra a sustentação clínica da compulsão à repetição, como tendência mais primitiva que o princípio do prazer e que o ignora e o sobrepuja. Nos fatos clínicos e nos fenômenos explorados até o item III da obra de 1920, a saber, as neuroses traumáticas, os sonhos de neuróticos traumáticos e as repetidas brincadeiras das crianças, Freud pôde identificar a presença do princípio do prazer, embora a análise de tais fenômenos deixasse algum incômodo, como se o princípio do prazer não os explicasse completamente. Finalmente, foi na compulsão repetida do recalcado em transferência que Freud encontrou apoio definitivo para sua hipótese de uma tendência mais radical que o princípio do prazer. A transferência, nesse momento de consideração de Freud, constitui-se o fiel da balança a favor da compulsão à repetição como a tendência mais primitiva dos processos psíquicos. A bem dizer, a compulsão à repetição constitui-se algo “mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer que ela domina” (Freud, [1920b] 1976: 37) e constitui a característica de toda pulsão, o princípio pulsional por excelência.

O sugestivo da comparação entre o caso Dora e “Além do princípio do prazer” (Freud, [1920b] 1976) é que este último pode iluminar a razão da crítica à conclusão do caso Dora. Talvez não se trate, no impedimento da análise de Dora, das dificuldades com as relações de objeto, com sua compreensão e interpretação, mas se trate da raiz de toda relação, de toda repetição, do princípio pulsional que as guia. Assim, podemos entender que o incompleto desfecho do tratamento de Dora não se deveu à inépcia das interpretações de teor sexual (como poderia ser diferente?!) promovidas por Freud. Mesmo se questões dessa natureza podem ser identificadas nas interpretações de Freud nesse seu caso (e em que análise não se as verificariam?!), elas não podem suportar toda a responsabilidade desse fim de análise. Parece-me que o impedimento efetivo do progresso de “Dora” em sentido terapêutico esteve, nos ensina retrospectivamente o artigo de 1920, no caráter *pulsional* da sexualidade.

A sexualidade como tal, os fenômenos sexuais, dos genitais aos passíveis de simbolização nos sintomas e nos sonhos de Dora; essa sexualidade não se furtou à interpretação, ao entendimento. Freud teve razão em sua expectativa de que a interpretação dos sonhos auxiliaria no desvendamento da sexualidade, de suas raízes e características infantis. O que teria resistido seria a desconsideração quanto ao princípio pulsional da sexualidade e isso muito antes e independentemente da formulação da compulsão à repetição. Esta última teria sido, pode-se compre-

ender hoje, a resposta que Freud mais tardiamente deu à questão das análises: a de sua exeqüibilidade, seus impedimentos e sua conclusão. Aspectos críticos esses que já haviam sido formulados desde 1897, com o fim da neurótica, e que encontraram em “Dora” uma primeira tentativa de resposta.

Tomando em perspectiva o progresso da psicanálise, parece-me justo afirmar que, com o fim da neurótica, Freud creditou ao conhecimento do psiquismo e dos seus processos a condição para vencer os impedimentos e as resistências à análise que seus pacientes do finalzinho do século XIX já revelavam, como Freud, pesaroso, desabafa com Fliess (citado por Masson, 1985). Assenhorear-se do psiquismo foi efetivamente o caminho tomado por Freud para responder à crise da psicanálise até então praticada, a psicanálise então padrão¹⁰. A “Interpretação dos sonhos” (Freud, [1900] 1976) foi a realização desse caminho. “Dora” foi a sua prova! O caminho tomado por Freud talvez lhe tenha sido um caminho conveniente, justamente pela promessa desse assenhoreamento, fato este que revela a índole freudiana. À tal índole, no entanto, devemos a fundação, a manutenção e a vivacidade da psicanálise, não obstante as críticas que se possam fazer ao propósito teórico que guia a obra de Freud. Mais significativo para o estado das coisas daquela época parece ter sido o fato de que tal caminho fora indicado pelas históricas que Freud tratara – por seus sonhos, incluindo-se os de Freud. A histeria prometera e cumprira a promessa de dar-se a conhecer. Considerada nesse aspecto, nem “Dora” opôs impedimento. Dora até mesmo brincara com Freud: “Por quê? Descobriu alguma coisa assim tão importante?” (Freud, [1905] 1972: 102) – interjeição de Dora na véspera de sua despedida da análise. Olhando por essa perspectiva, fica precisa a afirmação de que Freud fora conduzido pela histeria, desde a fundação da psicanálise até a conclusão da “Interpretação dos sonhos” (Freud, [1920b] 1976) e também em “Dora”, à crítica da psicanálise.

Entretanto, parece que pouco se aprendeu com o exemplo freudiano, pois a sedução da histeria, esta promessa de gozo em outro lugar, ainda que adjacente, as psicanálises contemporâneas a desprezam – não estariam sujeitadas! Os casos ditos difíceis, psicóticos, *borderlines*, narcisistas melhor prometem, mesmo que não seduzam. A promessa sem sedução parece mais manobrável, mas *hard*, mais real (mais atual), mais concreta ou efetiva, menos fantasiosa, mesmo se muito difícil em sua condução, embora de efeito semelhante, a saber, os mais de cem anos de exemplos de dificuldades das análises em suas conclusões. Os impasses da psicanálise, de ontem e de hoje, não se parecem restringir simplesmente à questão do método de tratamento. Tampouco se têm deixado resolver pela diferença de adoção entre fundamentos sexuais ou de relações de objeto. O impasse sobre o valor terapêutico da psicanálise, se já fora circunscrito desde “Dora”, como espero ter

mostrado, estende-se aos atuais casos difíceis. Já Fairbairn ([1952] 1999), que nos anos 40 do século passado propusera uma nova concepção das constituições subjetivas, mostra-se muito pouco ou nada otimista quanto ao vigor terapêutico da psicanálise diante da estruturação esquizóide da personalidade, para ele universal e necessária. A discussão sobre a utilidade da psicanálise diante da franca esquizofrenia reproduz-se na atualidade (veja-se, por exemplo, o confronto entre Lucas, 2005 e Michels, 2005). Aliás, pode-se encontrar uma boa e substantiva amostra dos debates a respeito dos alcances da psicanálise em diversos de seus aspectos – o da concepção do psiquismo, o da ação de seus conceitos técnicos, o dos modelos metapsicológicos, etc – no *Livro anual de psicanálise XIX*, 2005, que, como se sabe, reproduz artigos selecionados do *International Journal of Psycho-Analysis*, no caso, do ano de 2003.

Tanto o caminho da interpretação do sentido traçado por Freud¹¹ (um caminho semântico, semasiológico ou semiótico) como o da interpretação e reconstrução das relações de objeto dos contemporâneos parecem manter-se em dificuldades quanto à conclusão das análises. Embora sejam caminhos que propiciaram desenvolvimentos e progressos na psicanálise, embora tenham aberto novas e valiosas perspectivas para a compreensão do humano e sua constituição em grupos e sociedades, e embora tenham acrescido métodos e técnicas de intervenção, não superaram de modo conclusivo as insuficiências de término das análises. Comparados com a psicanálise do trauma sexual do século XIX – essa que designamos de análise padrão –, os desenvolvimentos que se seguiram nos caminhos sugeridos permanecem carentes de uma solução para as conclusões das análises, para o seu término. A psicanálise continua às voltas com a questão fundamental já lançada em 1897, que diz respeito a como sustentar sua conclusão terapêutica. Não é que falem reflexões e propostas. Mas estas são tão variadas a ponto de escaparem a formulações sintéticas. A crise da psicanálise do trauma sexual do século XIX anuncia-se até hoje como uma crise definitiva. Talvez se justifique, parafraseando Freud, na natureza do assunto que trata, qual seja, o caráter pulsional da sexualidade e de seu estatuto inconsciente. Nesse sentido, seria condição da psicanálise sua permanência nessa crise, renovando suas questões quanto ao impossível de ser dominado, de ser completamente inteligível.

Finalmente, parece ser justa a apreciação de que o caminho apontado pela obra freudiana à seqüência de “Dora” tenha mostrado o necessário estado inconcluso dos debates sobre o valor terapêutico da psicanálise em face de seu fim. A expressão máxima dessa tese, alcançada nos anos 20 do século passado, sustenta uma compreensão econômica (nos termos freudianos) do princípio que funda a constituição psíquica, o trabalho psíquico e os seus processos. Também se junta a isso,

e como sua conseqüência, o entendimento da necessária defasagem do psiquismo para a dominação da quantidade de excitação suposta no fator econômico. Essas perspectivas expressas no conceito de pulsão, conceito limite da psicanálise, apontam, parece-me, precisamente, para a insolubilidade das disputas terapêuticas em psicanálise. Afinal, tratar-se-ia de curar (*genesen*) o quê?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André, S. (1993). *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bernheimer, C. & Kahane, C. (1985). (Eds.) *In Dora's case. Freud – hysteria – feminism*. London/New York: Virago/Columbia University.
- Birmann, J. (1995). Sujeito e estilo em psicanálise. Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano. Em Moura, A. H. de (Org.). *As pulsões* (pp. 25-51). São Paulo: Escuta/EDUC.
- Celes, L. A. (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do Caso Dora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Fairbairn, W. R. D. (1952). *Psychoanalytic studies of the personality*. London/New York: Routledge, 1999.
- Forrester, J. (1990). *Seduções da psicanálise: Freud, Lacan e Derrida*. São Paulo: Papirus
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. *Obras completas, ESB*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Obras completas, ESB*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- . (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1918). História de uma neurose infantil. *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1920a). Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- . (1920b). Além do princípio do prazer. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Gay, P. (1989). *Freud. Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- . (1997). *As cadeias de Eros – Actualidade do sexual*. Lisboa: CLIMEPSI, 2000.
- . (Ed.). (2003). *Psicanálise contemporânea* (Revista Francesa de Psicanálise, Número Especial 2001). Rio de Janeiro: Imago.
- Heimann, P. (1950). On counter-transference. *International Journal of Psycho-Analysis*, 31, 81-84.

- Katz, C. S. (1992). Freud, o “caso Dora” e a histeria. Em Katz, C. S. (Ed.). *A histeria, o caso Dora: Freud, Melanie Klein, Jacques Lacan* (pp. 1-99). Rio de Janeiro: Imago.
- Kohon, G. (2003). O empobrecimento simbólico, um desafio para a técnica psicanalítica. Em Green, A. (Ed.). *Psicanálise contemporânea* (Revista Francesa de Psicanálise, Número Especial 2001) (pp. 291-301). Rio de Janeiro: Imago.
- Kristeva, J. (1996). *Sens et non-sens de la révolte. Pouvoirs et limites de la psychanalyse I.* (Discours direct). Paris: Fayard.
- Lacan, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- . (1978). *Escritos*. São Paulo: Perspectiva.
- Laplanche, J. (1988). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa: Edições 70.
- Lewin, K. K. (1973). Dora revisited. *The Psychoanalytic Review*, v. 60, n. 4, 519-532.
- Livro anual de psicanálise XIX, 2005 (IJPA – 2003). Controvérsias psicanalíticas*. São Paulo: Escuta.
- Lucas, R. (2005). Controvérsias a respeito da relação entre psicanálise e esquizofrenia. *Livro anual de psicanálise XIX, 2005 (IJPA – 2003). Controvérsias psicanalíticas* (pp. 9-14). São Paulo: Escuta.
- Marcus, S. (1985). Freud and Dora: story, history, case history. Em Bernheimer, C. & Kahane, C. (Eds.). *In Dora's case. Freud – hysteria – feminism* (pp. 56-91). London/New York: Virago/Columbia University.
- Masson, J. M. (Ed.) (1985). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Michels, R. (2005). A relação entre psicanálise e esquizofrenia segundo Richard Lucas. *Livro anual de psicanálise XIX, 2005 (IJPA – 2003). Controvérsias psicanalíticas* (pp. 15-19). São Paulo: Escuta.
- Ogden, T. H. (1996). Reconsiderando três aspectos da técnica psicanalítica. *Revista de Psicanálise de Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 3, 421-444.
- . (2003). Uma nova leitura das origens da teoria das relações de objeto. *Alter – Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, XXII, 2, 175-195.
- Politzer, G. (1975). *Crítica aos fundamentos da psicologia I*. Lisboa: Presença.
- Pontalis, J.-B. (1967). *A psicanálise depois de Freud*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- Winnicott, C. (Org.) (1989). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

NOTAS

- ¹ “Dora” (entre aspas) diz do caso de tratamento empreendido por Freud, cujo acesso se faz pela sua narrativa. Dora, como pessoa, codinome de Ida Bauer, está fora de nosso alcance.

Essas formas de grafia e essas observações talvez sejam desnecessárias, não fosse o (mau) hábito de pensarmos o caso como o neurótico, o enfermo, nos termos de Freud, e de não raro tomarmos a narrativa do caso como referindo-se ao analisando e não como narrativa do tratamento.

- ² Título do 44º Congresso da IPA, realizado no Rio de Janeiro em julho de 2005: "Trauma: novos desenvolvimentos em psicanálise".
- ³ Para a última distinção, ver Kohon (2003). A caracterização desses quadros contemporâneos é vasta, dissonante e se encontra disseminada em textos psicanalíticos das mais diversas índoles, embora não se possa afirmar que estejam presentes em todos eles. Ao longo do presente trabalho, um e outro dos textos que as caracterizam serão citados. No entanto, parece-me que tal dissonância e tal dispersão fazem parte do quadro (do charme) contemporâneo da psicanálise.
- ⁴ São relevantes as críticas e propostas desenvolvidas por W. Ronald D. Fairbairn (1889-1964) e D. W. Winnicott (1896-1971), para citar somente alguns autores chaves, ou cabeças de chaves, como se diz no futebol. Por outro lado, as psicanálises aqui chamadas de contemporâneas têm suas raízes nessas modificações. Embora o texto já devesse permitir a apreensão de sua concepção, elas podem ser, para uma maior delimitação, caracterizadas como as psicanálises que se movimentam em torno da concepção essencial das relações de objeto e nela se justificam. É verdade que isso não traz grande precisão, pois se trata de uma grande variedade de abordagens psicanalíticas (Ogden, 2003). Também se pode consultar Green (2003).
- ⁵ São muitas e fartamente conhecidas as obras de sociólogos, antropólogos, historiadores, filósofos e psicanalistas que tratam e desenvolvem teses e argumentos sobre as condições singulares da vida contemporânea e seus efeitos sobre as estruturas subjetivas. No Brasil, as obras de Maria Rita Kehl, Joel Birmann, Jurandir Freire Costa, Luís Cláudio Figueiredo, Sérvulo Augusto Figueira, Renato Mezan, dentre outros, são significativas. No que diz respeito mais especificamente às transformações ou aos desenvolvimentos ocorridos na psicanálise, pode-se incluir ainda obras de Chaim Samuel Katz, Daniel Kupermann, a dos psicanalistas das Sociedades de Psicanálise vinculadas à IPA; os seguidores mais ou menos expressos do kleinismo, de Bion; alguns desenvolvimentos lacanianos, etc.
- ⁶ A interpretação da psicanálise como possuindo uma meta educativa se sustenta nas idéias da ação reconstrutiva da psicanálise. Aqui se incluem pretendidas reconstruções das relações de objetos e até de laços sociais. Nessas compreensões psicanalíticas estão subentendidos "déficits" de subjetivações, idéia esta que não é do feitio freudiano.
- ⁷ Vem a propósito reproduzir uma avaliação feita por Lacan ([1966] 1998): "o freudismo, por mais incompreendido que tenha sido, por mais confusas que sejam suas conseqüências, aparece, a todo olhar capaz de entrever as modificações que vivemos em nossa própria vida, como constituindo uma revolução inapreensível mas radical. Acumular os testemunhos é

vão: tudo o que interessa, não somente às ciências humanas mas o destino do homem, a política, a metafísica, a literatura, as artes, a publicidade, a propaganda, e por meio destas, não tenho dúvidas, a economia, foi por ela afetado” (Lacan, [1966] 1998: 531).

- ⁸ Recuperando um argumento que há algum tempo era bastante repetido, o inconsciente se modifica com a psicanálise, tornando-se mais resistente, instigando a psicanálise a novos desenvolvimentos, a novas estratégias (Pontalis, [1967] 1972).
- ⁹ É de Winnicott a expressão: “inaplicabilidade da técnica psicanalítica clássica” (Winnicott, [1989] 1994: 372), dedicada a justificar as mudanças da psicanálise para alcançar as demandas *borderlines* e psicóticas.
- ¹⁰ Vale repetir um pequeno comentário irônico de Politzer (1975) quanto à psicologia, que parece se aplicar sem ressalvas à psicanálise. Avaliando o estatuto da psicologia e de seus diversos desenvolvimentos e escolas, ele observa que sempre há, nessa disciplina, clássicos para alguém. Pois em psicanálise parece também sempre haver clássico ou padrão para alguém.
- ¹¹ E por Lacan, se tomarmos por certa a avaliação que Kristeva (1996) faz do desenvolvimento lacaniano, como apoiado, em sua índole inicial, no otimismo freudiano da época da “Interpretação dos sonhos”, dos “Chistes e sua relação com o inconsciente” e da “Psicopatologia da vida cotidiana”.

Recebido em 15 de novembro de 2006
Aceito para publicação em 4 de agosto de 2007